

BATUQUE

A DESCIDA ANTROPOPHAGA

MARIANO KLAUTAU FILHO¹

¹ Artista, pesquisador em arte e fotografia, curador independente e professor na Universidade da Amazônia (UNAMA). Doutor em Artes Visuais pela ECA/USP. Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Curador do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, Belém desde 2010. Ele atuou como Curador convidado e Consultor de Fotografia na Pinacoteca de São Paulo (2016-2017), onde foi curador da exposição "Antilogias: o fotográfico na Pinacoteca". Como artista, participou de várias exposições, como "Triangular, A Arte deste século – Aquisições recentes acervo Casa da Cultura da América Latina (Casa Niemayer, Brasília, 2019/2020), "Feito poeira ao vento: fotografia na coleção MAR" (MAR, 2017-2018), Pororoca, a Amazônia no MAR (MAR, 2014), Percursos e Afetos: Fotografia 1928/2011 Coleção Rubens Fernandes Junior (Pinacoteca de São Paulo, 2011), Bienal del Fin Del Mundo – Ushuaia – Argentina (2007), Desidentidad – IVAM –Valência, Espanha (2006), IX Bienal de Habana (2006) entre outras. Obras artísticas em acervos: MAM-SP, MASP-SP (Coleção Pirelli), Coleção Joaquim Paiva – MAM-RJ, Museu de Fotografia de Curitiba, MAR – Museu de Arte do Rio, MEP - Museu do Estado do Pará, entre outros.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0061-135X>
E-mail: marianokf@uol.com.br

THEATRO DA PAZ & ACADEMIA DO PEIXE FRITO

BELÉM DO PARÁ

APRESENTAM

VÂNDALOS DO APOCALIPSE



Ópera Afro-Rock

Batuque - a descida antropophaga

De Bruno de Menezes e Oswaldo Costa



SEGUNDA QUINZENA DE MARÇO DE 1921 - TEMPORADA DE INVERNO

FOYER DO THEATRO - SOIRÉES DE SEXTA, SÁBADO E DOMINGO



OS VÂNDALOS DA ESQUERDA PARA DIREITA :

DE PÉ:

CLOVIS DE GUSMÃO (VOZ E UKULELE) ♦ FARIAS GAMA (VIOLA) ♦ BRUNO DE MENEZES (VOZ E TAMBORES) ♦ DE CAMPOS RIBEIRO (CONTRABAIXO)

SENTADOS:

PAULO DE OLIVEIRA (RABECA) ♦ EUCLIDES FONSECA (CENÁRIOS E GANZÁ - PARTICIPAÇÃO ESPECIAL) ♦ EDGAR SOUZA FRANCO (TAMBORES)

A "Descida" Antropophaga

A "descida" agora é outra.

O Autor

Ha quatro seculos, a "descida" para a escravidão. Hoje, a "descida" para libertação. O Diluvio, foi o movimento mais serio que se fez no mundo. Deus apagou tudo, para começar de novo. Foi intelligente, pratico e natural. Mas teve uma fraqueza: deixou Noé.

O movimento antropophago, — que é o mais serio depois do Diluvio — vem para comer Noé. **NOE' DEVE SER COMIDO.**

Penso que não se deve confundir volta ao estado natural (o que se quer) com volta ao estado primitivo (o que não interessa). O que se quer é simplicidade e não um novo código de simplicidade. Naturalidade, não manuaes de bom tom. Contra a belleza canonica, a belleza natural — feia, bruta, agreste, barbara, illogica. Instincto contra o verniz. O selvagem sem as missangas da cathechese. O selvagem comendo a cathechese.

Os **PEROS** que ainda existem entre nós hão de sorrir por seus dentes de ouro o sorriso civilizado de que, reagindo contra a cultura, estamos dentro da cultura. Que besteira. O que temos não é cultura europeá: é experiencia della. Experiencia de quatro seculos. Dolorosa e pão. Com Direito Romano, canal de Veneza, julgamento synthetico a priori, Tobias, Nabuco e Ruy. O que fazemos é reagir contra a civilização que inventou o catalogo, o exame de consciencia e o crime de defloramento. **SOMOS JAPY-ASSU'**:

"Ce venerable vieillard Japi Ouassou fut merveil-
leusement attentif, comme tous les autres Indiens lá
presens aux discours susdicts á quoi il replique ce qui
s'ensuit. Je m'esionis extremement de vous voir et me
manqueray á tout ce ie vous ay promis. Mais ie me es-
tonne comme il se peut faire que vous autres PAY ne
voulez pas de femmes. Estes vous descendus du Ciel?
Estes nays de Pere et Mere? Quay donc! n'estes pas
mortels comme nous? D'ou vient que non seulement
vous ne prenez pas de femmes ainsi que les autres Fran-
çois que ont trafiqué avec nous depuis quelque quarante
et tant d'années; mais encore que vous les empechez
maintenant de se servir de nos filles: ce que nous esti-
mions a grand honneur et grandheur, pouvans en avoir
des enfans".

(Claude d'Abbeville—"Histoi-
re de la Mission des Pères
Capucins en l'Isle de Mara-
gnan et terres circonvoici-
nes.")

Contra o servilismo colonial, o tacape inbeiguára, "gente de grande resolução e valor e totalmente impaciente de sujeição" (Viêira), o heroismo sem rosa de Commendador dos carahybas, "que se oppuzeram a que Diogo de Lepe desembarcasse, investindo contra as carávelas e reduzindo o numero de seus tripulantes" (Santa Rosa — "Historia do Rio Amazonas").

Ninguem se illuda. A paz do homem americano com a civilização europeá é paz nheengahiba. Está no Lisbôa: "aquella apparatusa paz dos nheengahibas não passava de uma verdadeira impostura, continuando os barbaros no seu antigo theor da vida selvagem, dados á antropofagia como dantes, e baldos inteiramente da luz do evangelho."

Como se vê, facilimo ser antropophago. Basta eliminar a impostura.

Foram estas as consequencias dos versos ruimzi-
zinhos que Anchieta escreveu na areia de Itanhaen:
Ordenações do Reino, grammatica e ceia de Da Vinci
na sala de jantar. E não houve ainda quem comesse
Anchieta!

Portugal vestiu o selvagem. Cumpre despil-o. Para que elle tome um banho daquela "innocencia contente" que perdeu e que o movimento antropophago agora lhe restitue. O homem, (falo o homem europeu, cruz credo!) andava buscando o homem fóra do homem. E de lanterna na mão: philosophia.

Nós queremos o homem sem a duvida, sem sequer a presumpção da existencia da duvida: nú, natural, antropophago.

Quatro seculos de carne de vacca! Que horror!

(a) OSWALDO COSTA.

VISITA DE SÃO THOME'

Quando a Bahia não se chamava Bahia, muito antes de Pedro Alvares Cabral, São Thomé foi lá um dia.

Não sei se foi por acaso ou para vêr. Mas viu.

Viu e protestou contra as coisas que viu.

Fez um discurso cheio de conselhos que os indios escutaram de boccas abertas:

Que era preciso adorar a Deus, fugir do demonio, não ter mais que uma mulher. Conselhos bons.

Emquanto falava, fazia nascer da terra a planta da mandioca e a bananeira que ainda hoje dá bananas de São Thomé.

Então os indios gostaram.

Quando São Thomé, cansado, sentiu que devia acabar, acabou com estas palavras:

—E não comam nunca mais carne de gente!

Então os indios não gostaram. Avançaram.

Quizeram comer o santo.

Felizmente São Thomé corria mais do que elles.

Chegou na beira da praia, deu um passo de meia legua e foi parar numa ilha onde não tinha selvagens.

(Quem me ensinou isto foi Frei Vicente do Salvador...)

ALVARO MOREIRA.

NOTA INSISTENTE

Neste rabinho do seu primeiro numero a "Revista de Antropofagia" faz questão de repetir o que ficou dito lá no principio:

— Ella está acima de quaesquer grupos ou tendencias;

— Ella acceita todos os manifestos mas não bota manifesto;

— Ella acceita todas as criticas mas não faz critica;

— Ella é antropofaga como o avestruz é comilão;

— Ella nada tem que ver com os pontos de vista de que por acaso seja vehiculo.

A "Revista de Antropofagia" não tem orientação ou pensamento de especie alguma: só tem estomago.

A de A. M.
R. B.

A "Descida" Antropophaga

A "descida" agora é outra.

O Autor

Ha quatro seculos, a "descida" para a escravidão. Hoje, a "descida" para libertação. O Diluvio, foi o movimento mais serio que se fez no mundo. Deus apagou tudo, para começar de novo. Foi intelligente, pratico e natural. Mas teve uma fraqueza: deixou Noé.

O movimento antropophago, — que é o mais serio depois do Diluvio — vem para comer Noé. **NOE' DEVE SER COMIDO.**

Penso que não se deve confundir volta ao estado natural (o que se quer) com volta ao estado primitivo (o que não interessa). O que se quer é simplicidade e não um novo codigo de simplicidade. Naturalidade, não manuaes de bom tom. Contra a belleza canonica, a belleza natural — feia, bruta, agreste, barbara, illogica. Instincto contra o verniz. O selvagem sem as missangas da cathechese. O selvagem comendo a cathechese.

Os **PEROS** que ainda existem entre nós hão de sorrir por seus dentes de ouro o sorriso civilizado de que, reagindo contra a cultura, estamos dentro da cultura. Que besteira. O que temos não é cultura europeá: é experiencia della. Experiencia de quatro seculos. Dolorosa e pão. Com Direito Romano, canal de Veneza, julgamento synthetico a priori, Tobias, Nabuco e Ruy. O que fazemos é reagir contra a civilização que inventou o catalogo, o exame de consciencia e o crime de defloramento. **SOMOS JAPY-ASSU'.**

"Ce venerable vieillard Japi Ouassou fut merveil-
leusement attentif, comme tous les autres Indiens lá
presens aux discours susdicts á quoi il replique ce qui
s'ensuit. Je m'esionis extremement de vous voir et me
manqueray á tout ce ie vous ay promis. Mais ie me es-
tonne comme il se peut faire que vous autres PAY ne
vouliez pas de femmes. Estes vous descendus du Ciel?
Estes nays de Pere et Mere? Quay donc! n'estes pas
mortels comme nous? D'ou vient que non seulement
vous ne prenez pas de femmes ainsi que les autres Fran-
çois que ont trafiqué avec nous depuis quelque quarante
et tant d'années; mais encore que vous les empechez
maintenant de se servir de nos filles: ce que nous esti-
mions a grand honeur et grandheur, pouvans en avoir
des enfans".

(Claude d'Abbeville—"Histoire
de la Mission des Pères
Capucins en l'Isle de Mara-
gnan et terres circonvoici-
nes.")

Contra o servilismo colonial, o tacape inbeiguára, "gente de grande resolução e valor e totalmente impaciente de sujeição" (Vieira), o heroismo sem rosa de Commendador dos carahybas, "que se oppuzeram a que Diogo de Lepe desembarcasse, investindo contra as carávelas e reduzindo o numero de seus tripulantes" (Santa Rosa — "Historia do Rio Amazonas").

Ninguem se illuda. A paz do homem americano com a civilização europeá é paz nheengahiba. Está no Lisbôa: "aquella apparatusa paz dos nheengahibas não passava de uma verdadeira impostura, continuando os barbaros no seu antigo theor da vida selvagem, dados á antropophagia como dantes, e baldos inteiramente da luz do evangelho."

Como se vê, facilimo ser antropophago. Basta eliminar a impostura.

Foram estas as consequencias dos versos ruimzinhos que Anchieta escreveu na arca de Itanhaén: Ordenações do Reino, grammatica e ceia de Da Vinci na sala de jantar. E não houve ainda quem comesse Anchieta!

Portugal vestiu o selvagem. Cumpre despil-o. Para que elle tome um banho daquela "innocencia contente" que perdeu e que o movimento antropophago agora lhe restitue. O homem, (falo o homem europeu, cruz credo!) andava buscando o homem fóra do homem. E de lanterna na mão: philosophia.

Nós queremos o homem sem a duvida, sem siquer a presumpção da existencia da duvida: nú, natural, antropophago.

Quatro seculos de carne de vacca! Que horror!

(a) OSWALDO COSTA.

VISITA DE SÃO THOME'

Quando a Bahia não se chamava Bahia, muito antes de Pedro Alvares Cabral, São Thomé foi lá um dia.

Não sei se foi por acaso ou para vêr. Mas viu.

Viu e protestou contra as coisas que viu.

Fez um discurso cheio de conselhos que os indios escutaram de boccas abertas:

Que era preciso adorar a Deus, fugir do demonio, não ter mais que uma mulher. Conselhos bons.

Emquanto falava, fazia nascer da terra a planta da mandioca e a bananeira que ainda hoje dá bananas de São Thomé.

Então os indios gostaram.

Quando São Thomé, cansado, sentiu que devia acabar, acabou com estas palavras:

—E não comam nunca mais carne de gente!

Então os indios não gostaram. Avançaram.

Quizeram comer o santo.

Felizmente São Thomé corria mais do que elles.

Chegou na beira da praia, deu um passo de meia legua e foi parar numa ilha onde não tinha selvagens.

(Quem me ensinou isto foi Frei Vicente do Salvador...)

ALVARO MOREIRA.

NOTA INSISTENTE

Neste rabinho do seu primeiro numero a "Revista de Antropofagia" faz questão de repetir o que ficou dito lá no principio:

— Ella está acima de quaesquer grupos ou tendencias;

— Ella aceita todos os manifestos mas não bota manifesto;

— Ella aceita todas as criticas mas não faz critica;

— Ella é antropofaga como o avestruz é comilão;

— Ella nada tem que ver com os pontos de vista de que por acaso seja vehiculo.

A "Revista de Antropofagia" não tem orientação ou pensamento de especie alguma: só tem estomago.

A de A. M.
R. B.

A "Descida" Antropofaga

A "descida" agora é outra.

O Autor

Ha quatro seculos, a "descida" para a escravidão. Hoje, a "descida" para libertação. O Diluvio, foi o movimento mais serio que se fez no mundo. Deus apagou tudo, para começar de novo. Foi intelligente, pratico e natural. Mas teve uma fraqueza: deixou Noé.

O movimento antropofago, — que é o mais serio depois do Diluvio — vem para comer Noé. **NOÉ DEVE SER COMIDO.**

Penso que não se deve confundir volta ao estado natural (o que se quer) com volta ao estado primitivo (o que não interessa). O que se quer é simplicidade e não um novo codigo de simplicidade. Naturalidade, não manuaes de bom tom. Contra a belleza canonica, a belleza natural — feia, bruta, agreste, barbara, illogica. Instincto contra o verniz. O selvagem sem as missangas da cathechese. O selvagem comendo a cathechese.

Os **PEROS** que ainda existem entre nós hão de sorrir por seus dentes de ouro o sorriso civilizado de que, reagindo contra a cultura, estamos dentro da cultura. Que besteira. O que temos não é cultura europeia: é experiencia della. Experiencia de quatro seculos. Dolorosa e pão. Com Direito Romano, cana de Veneza, julgamento synthetico a priori, Tobias, Nabuco e Ruy. O que fazemos é reagir contra a civilização que inventou o catalogo, o exame de consciencia e o crime de defloramento. **SOMOS JAPY-ASSU'.**

"Ce venerable vieillard Japi Ouassou fut merveil-
leusement attentif, comme tous les autres Indiens lá
presens aux discours susdicts á quoi il repique ce qui
s'ensuit. Je m'esionis extremement de vous voir et me
manqueray á tout ce ie vous ay promis. Mais ie me es-
tonne comme il se peut faire que vous autres **PAY** ne
vouliez pas de femmes. Estes vous descendus du Ciel?
Estes nays de Pere et Mere? Quay donc! n'estes pas
mortels comme nous? D'ou vient que non seulement
vous ne prenez pas de femmes ainsi que les autres Fran-
çois que ont trafiqué avec nous depuis quelque quarante
et tant d'années; mais encore que vous les empechez
maintenant de se servir de nos filles: ce que nous esti-
mions a grand honneur et grandheur, pouvans en avoir
des enfans".

(Claude d'Abbeville—"Histoire
de la Mission des Pères
Capucins en l'Isle de Mara-
gnan et terres circonvoici-
nes.")

Contra o servilismo colonial, o tacape inbeiguára, "gente de grande resolução e valor e totalmente impaciente de sujeição" (Vieira), o heroismo sem rosa de Commendador dos carahybas, "que se oppuzeram a que Diogo de Lepe desembarcasse, investindo contra as caravelas e reduzindo o numero de seus tripulantes" (Santa Rosa — "Historia do Rio Amazonas").

Ninguem se illuda. A paz do homem americano com a civilização europeia é paz nheengahiba. Está no Lisbôa: "aquella apparatusa paz dos nheengahibas não passava de uma verdadeira impostura, continuando os barbaros no seu antigo theor da vida selvagem, dados á antropofagia como dantes, e baldos inteiramente da luz do evangelho."

Como se vê, facilimo ser antropofago. Basta eliminar a impostura.

Foram estas as consequencias dos versos ruimzinhos que Anchieta escreveu na arca de Itanhaen: Ordenações do Reino, grammatica e ceia de Da Vinci na sala de jantar. E não houve ainda quem comesse Anchieta!

Portugal vestiu o selvagem. Cumpre despil-o. Para que elle tome um banho daquela "innocencia contente" que perdeu e que o movimento antropofago agora lhe restitue. O homem, (falo o homem europeu, cruz credo!) andava buscando o homem fóra do homem. E de lanterna na mão: philosophia.

Nós queremos o homem sem a duvida, sem siquer a presumpção da existencia da duvida: nú, natural, antropofago.

Quatro seculos de carne de vacca! Que horror!

(a) OSWALDO COSTA.

VISITA DE SÃO THOMÉ

Quando a Bahia não se chamava Bahia, muito antes de Pedro Alvares Cabral, São Thomé foi lá um dia.

Não sei se foi por acaso ou para vêr. Mas viu.

Viu e protestou contra as coisas que viu.

Fez um discurso cheio de conselhos que os indios escutaram de boccas abertas:

Que era preciso adorar a Deus, fugir do demonio, não ter mais que uma mulher. Conselhos bons.

Emquanto falava, fazia nascer da terra a planta da mandioca e a bananeira que ainda hoje dá bananas de São Thomé.

Então os indios gostaram.

Quando São Thomé, cansado, sentiu que devia acabar, acabou com estas palavras:

—E não comam nunca mais carne de gente!

Então os indios não gostaram. Avançaram.

Quizeram comer o santo.

Felizmente São Thomé corria mais do que elles.

Chegou na beira da praia, deu um passo de meia legua e foi parar numa ilha onde não tinha selvagens.

(Quem me ensinou isto foi Frei Vicente do Salvador...)

ALVARO MOREIRA.

NOTA INSISTENTE

Neste rabinho do seu primeiro numero a "Revista de Antropofagia" faz questão de repetir o que ficou dito lá no principio:

— Ella está acima de quaesquer grupos ou tendencias;

— Ella acceita todos os manifestos mas não bota manifesto;

— Ella acceita todas as criticas mas não faz critica;

— Ella é antropofaga como o avestruz é comilão;

— Ella nada tem que ver com os pontos de vista de que por acaso seja vehiculo.

A "Revista de Antropofagia" não tem orientação ou pensamento de especie alguma: só tem estomago.

A de A. M.
R. B.

BATUQUE – A DESCIDA ANTROPOPHAGA (CARTAZES) DA SÉRIE NORTES MODERNISTAS

Batuque – a descida antropophaga dá nome a um conjunto de cartazes e peças gráficas alusivos aos movimentos modernistas brasileiros sob o ponto de vista de grupos de artistas, poetas, jornalistas, escritores, intelectuais nascidos e/ou atuantes na Amazônia Paraense. Em forma de lambes, foram criados inicialmente 4 peças que podem operar diversas combinações em que a interferência gráfica sobre documentos existentes e a criação fictícia de outros a partir de personagens reais tornam-se o procedimento elementar que constitui o conjunto.

Na primeira peça, **Noé deve ser comido**, sob a forma de tríptico, a página 8, última página do n.1 da Revista de Antropofagia inaugurada em São Paulo em 1928, é replicada 3 vezes sublinhando por meio de uma marcação manual um outro manifesto menos famoso que o do paulistano Oswald de Andrade publicado naquele mesmo número. Trata-se de “A Descida Antropophaga” de Oswald Costa, um paraense que colabora com a revista. Seu texto não só atesta uma importante contribuição para além dos territórios restritos do circuito paulistano, revelando diversos grupos espalhados pelo Brasil e comprometidos com a visão cultural antropofágica, como também revela-se um manifesto altamente crítico e por vezes mais sagaz que o do próprio Oswald em sua abordagem mais incisiva sobre religião e mais crítica sobre o próprio discurso antropofágico.

Na segunda peça, **Vândalos** que pode ser articulada ao tríptico, é inventado o cartaz de um concerto no Theatro da Paz, em Belém em 1921 performado por um grupo que aparece em fotografia de estúdio chamado Vândalos do Apocalipse. O cartaz veicula a apresentação de uma “Ópera Afro-Rock” intitulada “Batuque – a descida antropophaga” de autoria de Oswald Costa e Bruno de Menezes. Autor de “Batuque” (1931), importante obra de poesia moderna, Bruno de Menezes é um poeta negro, líder de uma turma de intelectuais paraenses que militaram na cena modernista em Belém desde o início dos anos 1920 e que fundaram a Associação dos Novos em 1921 apelidada por Bruno de Vândalos do Apocalipse. O cartaz em questão, em forma de lambe, peça única, ficcionaliza o grupo musical e o concerto mas com os personagens reais da turma de “vândalos” intelectuais de viés anarquista. Na fotografia estilosa se vê Bruno e Clóvis de Gusmão, este último também um dos colaboradores da Revista de Antropofagia, entre outros paraenses. Por sua vez, o grupo já era um desdobramento de uma outra turma anterior, no circuito de Belém cujo mestre também é Bruno, a famosa Academia do Peixe Frito (que no cartaz é creditada como produtora do concerto), de atitude mais engajada e que tinha o Mercado do Ver-o-Peso como sua “sede”.

Portanto, o cartaz inventa um concerto com músicos de vanguarda, operando um repertório moderno, étnico, caboclo, africano mas com uma turma real que existiu na cena moderna de Belém e no circuito brasileiro por meio de diversos contatos colaborativos e que participa de modo significativo com um repertório moderno, étnico, caboclo, africano no jornalismo, literatura, artes posicionados no norte do Brasil, na Amazônia urbana da capital do Pará.

Mariano Klautau Filho